



CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS A PARTIR DA ESCUTA: CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS

BUILDING PATHS THROUGH LISTENING: MAPPING EXPERIENCES

Não Associada ANPAP:
Tainá Alves Custódio¹
Instituto de Artes UNESP

RESUMO

O presente artigo propõe-se a refletir sobre a prática da mediação cultural e sobre o exercício da escuta dos educadores frente aos participantes de suas ações. Além disso, por integrar uma pesquisa de mestrado baseada na metodologia cartográfica, apresenta a prática artística como cerne de uma pesquisa científica no campo da arte educação, propondo o exercício da prática da Cartografia dos Afetos como forma de propor a adequação de práticas artístico educacionais a realidades da vida em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE

Cartografia. Rizoma. Mediação. Escuta. Arte-educação

ABSTRACT

The present article aims to reflect on the practice of cultural mediation and the exercise of listening by educators in their interactions with participants. Moreover, by integrating a master's research based on cartographic methodology, it presents artistic practice as the core of scientific research in the field of art education, proposing the exercise of Affections Cartography as a way to suggest the adaptation of artistic educational practices to realities of life in our country.

KEYWORDS

Cartography. Rhizome. Mediation. Listening. Art education.

¹ Tainá Alves Custódio é mestranda em Arte Educação pelo Instituto de Artes da UNESP, São Paulo. Bacharela e Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição, desenvolve pesquisas que se relacionam com a prática artística, escuta e mediação. Atualmente atua como professora na rede municipal de São Paulo. Email: ta.custodio@unesp.br Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8184590092041694>.



Tramando caminhos

Logo no início desse artigo, busco afirmar o uso de uma escrita subjetiva e acadêmica, escolha relacionada tanto à metodologia de pesquisa deste trabalho, quanto aos relatos trazidos pelo seu desenvolvimento. Além disso, a presença da subjetividade nessa pesquisa possibilita a afirmação da importância dada aos sujeitos participantes das ações, de modo que a afirmação de uma escrita ensaística acadêmica e autoetnográfica, surge como justificativa do uso da primeira pessoa nesse trabalho. Afinal, como enuncia Larrosa, "(...), no ensaio não se trata do presente como realidade, mas como experiência. No ensaio trata-se de dar forma a uma experiência do presente"(Larrosa, 2004, p.34).

Durante pouco mais de dois anos atuei como mediadora cultural. Hoje penso que pode parecer um tempo reduzido e talvez seja, mas considero como uma oportunidade de imersão que possibilitou a reflexão sobre a nossa prática como educadores e mediadores em espaços de educação não formal, principalmente, ao mediarmos o contato de sujeitos com as artes visuais.

Como mediadora cultural, penso que realizei visitas mediadas e também visitas guiadas, diferenciando-as pela variação da performance de quem faz a mediação, observando as possibilidades entre uma mediação que propõe uma postura de escuta dos participantes ou uma mediação que propõe a permanência da fala do educador sobre a dos que acompanham a ação. Dessa forma, passei a considerar que uma visita guiada fosse aquela que se propunha a guiar estritamente o visitante pelo roteiro planejado, reduzindo a possibilidade da participação ativa de quem acompanha o educador ou educadora no seu percurso planejado da mediação. Enquanto que a visita mediada dar-se-ia como processo de partilha de impressões e ideias vindas tanto da pessoa que conduz a mediação, quanto daqueles que acompanham o percurso, de modo que criem juntos os caminhos de leituras e contatos com as obras de arte da proposta, possível a partir da postura de escuta.

Com isso, ao refletirmos sobre a metodologia presente em uma visita - aqui descrita como guiada - observa-se que representa a escolha de quem planeja o percurso, fator evidenciado por Ana Mae Barbosa, ao relatar que "A análise dos processos de



mediação usados na condução de visitas em muitas instituições mostra que algumas ainda se apegam a roteiros, direcionando o olhar do visitante somente para as obras sobre as quais os mediadores se preparam para falar.”(Barbosa, 2009, p.17), direcionando, conforme citado, o olhar de quem os acompanha ao que é familiar ao educador.

Como educadora, posso afirmar que optei por trajetos que eram mais confortáveis para o meu trabalho e dialoguei com educadores que apresentavam as mesmas motivações. No entanto, ao abrirmos nossos percursos planejados para contribuições dos participantes sobre as obras ou temas abordados, percebíamos que com as possibilidades não planejadas durante uma visita mediada, poderíamos ser surpreendidos por acontecimentos enriquecedores para as mediações.

Com essa experiência, mais recentemente, no decorrer do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, percebo o quão potente pode ser a ação da mediação ao considerar a presença, participação e intervenção das subjetividades que nos acompanham, possibilitando a abertura de caminhos não planejados ou imaginados pelo educador. Tais presenças mostraram-se fortificadas ao abrirmos espaços para as vozes dos participantes, principalmente quando propostas possibilidades de criação artística em grupo em uma oficina ou produção coletiva, alinhavada com a temática trabalhada durante uma mediação.

Dessa reflexão, entende-se que a prática da mudança para um caminho de pensamento não previsto, a partir do exercício de escuta do outro, pode ser relacionada com a metodologia cartográfica, uma vez que amplia as possibilidades de conexões temáticas e de abordagens. A criação dessa cartografia, tem possibilitado o desenvolvimento da pesquisa intitulada atualmente de Cartografias da Mediação: investigando as experiências de linguagem na arte, tramada por eventos que criaram e criam ainda percursos nem sempre previstos em seu desenvolvimento.

Soma-se também ao percurso dessa pesquisa, a afirmação da prática artística no cerne do trabalho, propondo o contato direto com obras de arte, seja por meio da leitura de obras, seja pela proposta de criação artística coletiva, ações seguidas pela



discussão sobre essas vivências, expressa por meio de palavras ou ações, compondo o que chamo, atualmente, de Cartografia dos Afetos.

Criação de rizomas, descobrimento de caminhos

A metodologia cartográfica, baseada em Deleuze e Guattari, aborda o exercício de proposições que têm potencial de acontecimento, de modo que um novo caminho pode ser descoberto em uma pesquisa, durante seu próprio desenvolvimento, possibilitando alterações importantes em seus resultados e criando rizomas do eixo temático desenvolvido. Assim, essa metodologia de pesquisa repercute em organicidade nos seus modos de fazer, somando ações do desejo, do processo, da mudança e do movimento, cogitando que "(...) é sempre por rizoma que o desejo se move e produz."(Deleuze, Guattari, 1995, p.22).

Desse modo, podem ocorrer acontecimentos no decorrer do trabalho que possibilitem o desenvolvimento de caminhos não previstos para o mesmo, resultando na ideia de que o que era pretendido no início de uma pesquisa pode tornar-se totalmente diferente em seu decorrer, de modo que se entenda como o " (...) sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação de processos de produção, conexão de redes ou rizomas."(Escóssia, Kastrup, Passos, 2009, p.10).

Frente a isso, considerando a prática da metodologia cartográfica, no processo de desenvolvimento dessa pesquisa, foi produzida a prática artística da Cartografia dos Afetos - um exercício de conectar participantes de uma proposta de vivência artística, que é seguida de troca de impressões concretizadas por meio de linhas de barbante. Esse emaranhamento acontece pela frequência da fala ou da ação, de modo que toda vez que alguém do grupo inserido na prática expressa-se, seja envolvido por uma parte do barbante.

Com a presença de sujeitos diversos, ao falarem ou se expressarem, criamos uma cartografia única daquele momento e do grupo, demonstrando as possibilidades de criações e participações coletivas ao entrarem em contato com arte.



Imagem 1: Registro da Cartografia dos Afetos no II Congresso OPAP, 2023

O exercício da escuta

O que de fato queremos ouvir? O que se coloca em frente à persistência de nossa voz sobre a do outro? Schafer possibilita essa reflexão ao lermos o que escreveu sobre o ruído: “Ruído é qualquer som que interfere. É o destruidor do que queremos ouvir.” (Schafer, 1991, p.69).

Quando me refiro à escuta, não estou me restringindo ao som. Ainda não encontrei uma palavra suficiente para esse exercício, estando em constante reflexão, até que seja encontrada em algum momento, seguindo a possibilidade da metodologia escolhida, a cartográfica. Quando falo em escuta, refiro-me à atenção, ao direcionamento, à consideração. Refiro-me à possibilidade de atentar-se ao outro e àquele que demonstrar vontade em expressar e, conseqüentemente, contribuir para a construção de momentos de leitura de obras de arte.

Assim, quando falamos na prática da Cartografia dos Afetos, colocamo-nos em um posicionamento de escuta e observação do outro, possibilitando que possua o seu momento de fala dentro do coletivo. Rejane Coutinho também reforça a importância da “(...) sensibilidade de escuta para perceber as diferentes demandas, para identificar sem estereotipar os diferentes contextos de origem dos sujeitos. Em suma, capacidade de articular e adequar seu discurso para os diferentes públicos.” (Coutinho, 2009, p. 3745), e assim, articular e adequar também o seu percurso a diferentes públicos.

Por isso, ao não exercitar a escuta e propor-se a falar várias e várias vezes, de modo a monopolizar os momentos de fala do grupo, a linha de barbante acumula-se nas mesmas mãos, fortificando a ideia de que quem mais fala, mais detém o espaço de



fala. Seria possível refletir amplamente sobre o porquê de alguém monopolizar o discurso, não cabendo ainda a essa pesquisa tais motivações, mas sim a reflexão sobre quantas vezes o barbante passou ou passaria em minhas ou suas mãos?

Para concretizar a imagem da prática da Cartografia dos Afetos, utilizarei a prática do relato autoetnográfico para descrever um evento em que fui tramada pela minha própria linha:

Meu rolo de barbante já estava por findar. Peguei-o, pois imaginava que seria suficiente para a ação. Fui convidada pelo meu orientador a realizar a prática da Cartografia dos Afetos em uma aula da disciplina do Programa de Pós Graduação em Artes da UNESP. Iniciamos o encontro falando sobre nossas pesquisas e sobre como se relacionam com o núcleo de pesquisa que integramos e uma fala recorrente foi a de que nossas pesquisas possuem como cerne a prática artística e que, para que pudéssemos falar dela, precisaríamos demonstrá-las. Rodrigo Reis, então, doutorando no mesmo programa iniciou sua prática da Coluna Vibroacústica, prática sonora e corporal que foi realizada por todos nós durante a aula. Após a vivência, fez-se um silêncio breve, rompido pela professora ministrante da disciplina que compartilhou como havia sido sua experiência. Após o término de sua fala, levei a ela a ponta da linha de barbante que eu segurava - iniciava ali a minha prática. Em seguida, mais uma pessoa compartilhou suas impressões, direcionei-me até ela com a continuação da linha de barbante e logo senti certa dificuldade ao desenrolá-la. Outra pessoa colocou-se a falar e eu repeti a ação, até que em certo momento a linha estava completamente emaranhada e o rolo de barbante chegava ao fim. Porém um fim conturbado, justo no meio de minha prática. Vi-me sentada em meio a roda de conversa tentando desenrolar o barbante, enquanto as pessoas falavam e eu disfarçando tensão e frustração, pressupondo que todos presentes sabiam que era minha intenção ligar todas as falas com a linha. Senti-me frustrada inicialmente, constrangida pelo percurso não ter sido concluído da forma que eu pretendia, exercitei entender que eu acabava de ser emaranhada pela minha própria metodologia.



Imagem 2: Quando o rolo de barbante acabou

Teria que trabalhar com a mudança de percurso exigida pelo material que eu utilizava no meio da prática. Pus-me a desatar os nós, integrando aquela ação a minha prática. Mantive a postura de escuta e de observação dos presentes e finalizei minha prática ao desatar o último nó.

Conclusão

Dessa forma, aprendendo a lidar com caminhos não previstos, compondo com uma metodologia maleável e ainda sim científica, nos deparamos com possibilidades de criação ampliadas pelas subjetividades e, conseqüentemente, adequadas às práticas da vida, principalmente, quando habitamos espaços que nem sempre possuem recursos disponíveis para a criação em nosso país.

Muitas vezes, atuando na arte e na educação, temos que nos adequar às condições disponíveis em cada momento e lugar, fazendo com que a criatividade seja colocada constantemente em prática e à frente, quando os caminhos de criação mostram-se abertos e necessários, possibilitando que um elemento não planejado em uma ação de mediação, possa contribuir para o ato criador do educador, que “abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.”(Ostrower, 2014, p.9)

A autora também afirma que é parte do ser humano a habilidade de criar e recriar, dizendo que “(...) é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado.”(Ostrower, 2014, p.9), de modo que



possamos pensar o aproveitamento de acontecimentos não previstos em uma ação para torná-la única, didática e prazerosa, tanto para quem media o contato com a arte, quanto para quem tem esse contato mediado de modo sensível .

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural é social**. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2009. P.13 – p.22.

COUTINHO, Rejane. Questões sobre a formação de mediadores culturais. In: MARTINS, Maria; HERNÁNDEZ, Maria. **Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP / Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Salvador: EDUFBA, 2009. (p.3737-3749)

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol 1**; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf> Acesso em: 21/09/2023

LARROSA, Jorge. Operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, 29/1, p. 27-43, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417/14743>> Acesso em: 20/08/2023

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 7- p. 16

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo- SP: UNESP, 1991.